

“Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos”: narrativas de resistência em “Duzu-Querença” e “Rose Dusreis”, de Conceição Evaristo

"It was necessary to reinvent life, to find new paths": narratives of resistance in “Duzu- Querença” and “Rose Dusreis” by Conceição Evaristo

Izabel Cristina Xavier Rosa Kaadi¹

Universidade Federal de Goiás

Flávio Pereira Camargo²

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Diante de um contexto em que ainda somos bombardeadas/os por representações negativas/estereotipadas que tentam fixar a população negra, especialmente as mulheres negras e/ ou racializadas em posições subordinadas e degradantes, a escrita insurgente de mulheres negras bem como a de outros grupos oprimidos e invisibilizados pelo cânone vem se reafirmando um instrumento poderoso para a ressignificação das “diferenças” em nosso país. Neste artigo analisamos as representações de mulheres negras em dois contos da escritora Conceição Evaristo, “Duzu-Querença” e “Rose Dusreis”, de *Olhos d’água* (2016a) e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016b), respectivamente, observando, sobretudo como essas narrativas, ao representarem a tensão entre as múltiplas formas de opressão e as estratégias de resistência empreendidas por meninas e mulheres negras, subvertem as formas consagradas de representação da literatura canônica. A partir desta análise, podemos afirmar que a literatura de autoria feminina e negra tem sido um instrumento fundamental para o fortalecimento da luta feminista e antirracista contra as diferentes e interligadas formas de subordinação e precarização da vida.

Palavras-chave: Literatura; Feminismo negro; Resistência; Conceição Evaristo.

Abstract: Faced with a context in which we are still bombarded by negative/stereotyped representations that try to fix the black population, especially black and/or racialized women in subordinate and degrading positions, the insurgent writing of black women as well as that of other oppressed groups and made invisible by the canon has been reaffirming itself as a powerful instrument for the resignification of "differences" in our country. In this article, we analyze the representations of black women in two short stories by the writer Conceição Evaristo, "Duzu-Querença" and "Rose Dusreis", from *Olhos D’água* (2016a) and *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016b), respectively, observing, above all, how these narratives, by portraying the tension between the multiple forms of oppression and the strategies of resistance undertaken by black girls and women, subvert the consecrated forms of representation of canonical literature. Based on this analysis, we can say that literature written by black women has been a fundamental instrument for strengthening the feminist and anti-racist struggle against the different and

¹ Doutoranda em Letras e Linguística (Estudos Literários) no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

Email: izabelrosakaadi@gmail.com

² Professor Associado de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Email: flaviocamargo@ufg.br

interconnected forms of subordination and precariousness of life.

Keywords: Literature; Black feminism; Resistance; Conceição Evaristo.

Recebido em 14 de novembro de 2024.

Aprovado em 15 de dezembro de 2024.

Introdução

Considerando a representação como uma prática política de disputa pela imagem (Hall, 2016), bem como a importância do entrecruzamento entre teoria e prática para a análise e contestação das imagens que nos circundam, especialmente as que buscam representar a negritude, (hooks, 2019; 2022), ressaltamos que as práticas representacionais empreendidas por escritoras negras têm promovido uma verdadeira revolução no campo literário e cultural, transformando nossas maneiras de ler e interpretar a realidade.

Em “Gênero e ‘raça’ na literatura brasileira”, Florentina Souza (2008) analisa como o discurso literário brasileiro, ao representar as mulheres, especialmente as negras, em papéis degradantes e secundários, contribuiu para reforçar no imaginário social estereótipos raciais e de gênero e, conseqüentemente, uma visão distorcida da realidade do nosso país. Em contraposição à essa lógica, a escriturística evaristiana rememora o nosso passado envolto em silenciamentos, violência e marginalização, buscando reelaborar o vivido para então recuperar — e/ou estabelecer novas — estratégias de resistência à persistente estigmatização, exploração e desumanização dos corpos negros.

Maria Lugones (2014, p. 940) define resistência como “a tensão entre a sujeitificação (a formação/informação do sujeito) e a subjetividade ativa, aquela noção mínima de agenciamento necessária para que a relação opressão ← → resistência seja uma relação ativa”. Nesse sentido, das coalizões entre aqueles que se situam no “lôcus fraturado da diferença colonial” (p. 941), isto é, entre aqueles/as que tanto são oprimidas/os como também resistem às imposições da modernidade capitalista, podem surgir respostas criativas em oposição às diferentes formas de dominação. Esse tipo de

coalizão sugerida por Lugones (2014) valoriza a multiplicidade do ser (um ser em devir e em relação com o “Outro” e com o cosmos) opondo-se à “lógica das dicotomias”.

Para o pesquisador Edir Pereira (2014) a resistência não deve ser compreendida como mera reação ao poder e sim de modo antagônico em relação ao poder, porém, não restrita a ele. Ou seja, tal como o poder a resistência se manifesta de múltiplas maneiras, sendo ao mesmo tempo ambígua e inseparável do poder (Pereira, 2014). Já a filósofa Sueli Carneiro ressalta que, “[s]e, como afirma Foucault, a todo poder se opõe uma resistência, essa se dará, em primeiro lugar, nas estratégias de sobrevivência física, já que o anjo da morte do biopoder do racismo impõe, para a racialidade dominada, o manter-se vivo como o primeiro ato de resistência” (Carneiro, 2023, p. 138). Contudo, segundo a autora a conquista da emancipação individual e coletiva envolve uma longa e difícil trajetória de resistência política que transcenda a mera sobrevivência física.

A partir dessas considerações, a análise dos contos “Duzu-Querença” e “Rose Dusreis” busca evidenciar como essas narrativas, ao representarem a tensão entre opressão e resistência presente na trajetória das personagens femininas desses contos, subvertem as formas consagradas de representação da literatura canônica, engendrando modos de subjetivação opostos ao apagamento e à representação estereotipada dos sujeitos negros. Dessa forma, ao fazer da palavra literária instrumento de luta e resistência, a literatura de Evaristo propicia um diálogo frutífero com o pensamento feminista negro, especialmente no que diz respeito à mobilização política das diferenças (Lorde, 2020) e à recusa da condição de objeto e sua afirmação enquanto sujeito que resiste ao longo processo de subjetivação imposto pela cultura dominante.

1. Das múltiplas formas de opressão às estratégias de sobrevivência

“Duzu-Querença”, terceiro conto da antologia *Olhos d'água* (2016a), vencedor do Jabuti em 2015, e “Rose Dusreis”, conto que faz parte da coletânea *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016b), trazem uma representação pungente do lugar social historicamente reservado às mulheres e meninas negras em nosso país. Não obstante a dureza do cotidiano de violências múltiplas enfrentadas pelas personagens desses contos, ambas as narrativas apontam caminhos para o fortalecimento da luta coletiva pela transformação social.

Nas primeiras linhas de “Duzu-Querença”, a personagem Duzu nos é apresentada como uma mulher em situação de rua, vivenciando uma condição extremada de miséria e abandono. Ela aparece raspando o fundo de uma lata vazia à procura de resquícios de algum alimento. O impacto dessa cena é reforçado pelo olhar de indiferença, insensibilidade e desprezo lançados sobre as pessoas que se encontram em situação de rua em nosso país: “Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco”. Em seguida, apressa os passos “temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho” (Evaristo, 2016a, p. 31). Nesse trecho é notável a denúncia da naturalização da indiferença e da falta de indignação diante de uma estrutura social que possibilita que pessoas vivam em condições de extrema vulnerabilidade social. Nessa perspectiva, as pessoas em situação de rua é que são percebidas como um problema a ser “eliminado”. Como resultado, temos a desumanização desses sujeitos que são estrategicamente afastados e/ou deixados para morrer.

O conto “Duzu- Querença” é construído de forma não linear e a partir de *flashbacks* diferentes momentos da vida da personagem são rememorados. Em um desses momentos ficamos sabendo que Duzu teve uma infância profundamente marcada por diversas e interligadas formas de opressão bem como pelo desejo de transcender o sofrimento vivenciado desde a mais tenra idade.

Segundo a voz narrativa o pai de Duzu era um pescador que almejava um outro futuro e “uma outra vida para a filha” (Evaristo, 2016a, p. 32). Por isso ele migra com a família para a cidade grande onde experimentaria um novo ofício. “Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair” (Evaristo, 2016a, p. 32). O trecho faz alusão à infância de muitas meninas negras em nosso país que desde muito cedo não têm seus direitos protegidos, por isso precisam passar pelas “pontes frágeis” de uma vida cercada por insegurança, medo, violência e pobreza.

No conto, o deslocamento de Duzu e sua família (da zona rural para a cidade grande) é movido pelo desejo de superar as condições de pobreza e privação, quando na realidade, o que encontram é uma situação de opressão e marginalização ainda mais acentuada. Esse é um fato, infelizmente, bem familiar para muitas pessoas negras no

Brasil. Como evidenciado por Lélia Gonzalez (2020, p. 95) no artigo “Mulher negra”, “o deslocamento de grandes contingentes de mão de obra do campo para os centros urbanos [como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo] determinou não o crescimento populacional destes últimos, mas a sua ‘inchação’, com a conseqüente formação de bairros periféricos e de favelas”. A teórica se refere ao desenvolvimento econômico do Brasil nos anos 1970, o chamado “milagre brasileiro”, cujas benesses não foram igualmente distribuídas entre a população, pois este foi um período de aumento exacerbado das desigualdades sociais com a formação de um “subproletariado”, composto majoritariamente por pessoas negras.

Retornando à narrativa, ao chegar à cidade, a menina fica sob os cuidados de uma senhora que lhe daria, além de um emprego, oportunidade de ir à escola. Como veremos, a questão do estudo ocupa um papel central na trama, pois tido como um “elemento transformador da realidade social” (Santos, 2018, p. 142-143). “Um dia sua filha seria pessoa de muito saber” (Evaristo, 2016a, p. 32) visionava o pai de Duzu. Contudo, o que se dá é a inserção da menina em uma estrutura de exploração e prostituição, pois a casa da tal senhora, dona Esmeraldina, era na verdade, um prostíbulo.

Em “Rose Dusreis” (2016b) temos outros exemplos de como as mulheres negras são desde a infância afetadas pelo racismo, pelo sexismo e outras formas de dominação. A protagonista passa por inúmeras adversidades até a conquista de seu grande sonho, se tornar bailarina. Assim como no conto “Duzu-Querença”, cenas do passado de Rose Dusreis vêm à tona na medida em que a protagonista conta sua história.

Ainda menina, Rose Dusreis experiencia a dor do racismo praticado por uma professora que ministrava aulas de balé (ensino particular) no colégio público onde a menina estudava. Conforme Dusreis relata, embora sua família estivesse consciente das interdições impostas às pessoas negras, Rose sempre quis ser bailarina. Por isso, em um determinado momento, ela toma coragem e procura a professora, pedindo-lhe para participar das aulas de balé. Sabendo das condições materialmente desprivilegiadas de sua família, a menina afirma que sua mãe, uma exímia lavadeira da qual ela muito se orgulhava, poderia lavar as roupas da professora em troca das aulas, quando se dá a seguinte cena: “Ternamente, Atília Bessa pousou a mão em minha cabeça e me disse que

o meu tipo físico não era propício para o balé. Eu tinha oito anos somente. Só com o passar do tempo, pude entender o que foi dito naquela fala” (Evaristo, 2016b, p. 109).

Podemos relacionar essa forma de racismo que Rose sofre na instituição escolar a uma forma contemporânea de racismo que, segundo Grada Kilomba (2019), mesmo sem fazer uso de expressões pejorativas, continua a estabelecer uma divisão hierárquica entre as pessoas a partir da mobilização da ideia de diferença. Quando Atília Bessa afirma à Rose que seu tipo físico não era adequado para a prática de balé, o que temos é um exemplo de como a diferença tem sido mobilizada pela ideologia dominante para confinar as pessoas negras em determinadas posições.

Outro acontecimento ocorrido também no período da infância foi quando, durante a organização de uma confraternização de final de ano, ela que desde criança já demonstrava talento para a dança, havia sido selecionada para dramatizar a bonequinha preta — personagem do livro homônimo, de Aláide Lisboa de Oliveira — o que foi encarado por ela com muito gosto e satisfação. Rememorando aquela situação a personagem afirma: “Feliz, já naquele momento, encarnei o meu papel. Eu era eu mesma, a bonequinha preta” (Evaristo, 2016b, p. 110).

Na ficção, a construção dessa passagem enaltece a valorização de uma assunção negra por parte da menina, um aspecto crucial resultante do processo de autodefinição das mulheres negras. No entanto, de repente, sem nenhuma explicação, Dusreis é substituída por uma menina branca. Segue o trecho de seu relato: “Aguardei o porquê da minha substituição, já na semana da festa, quando uma menina branca, pintada de preto, no meu lugar, fingiu ser a bonequinha negra que eu era” (Evaristo, 2016b, p. 110). A menina ficou sem respostas, mas a explicação para a substituição, assim como para o uso da prática do *blackface*³, só poderia ser uma: o racismo — uma prática perversa e persistente da qual nem mesmo as crianças escapam.

³ Prática em que pessoas brancas pintam o rosto de preto para representar pessoas negras. Seu surgimento remonta o advendo dos *minstrels shows* (teatro popular) no contexto estadunidense, sobretudo após a Guerra Civil norte americana. Seu objetivo era criar e reproduzir estereótipos negativos de modo a ridicularizar e inferiorizar os ex-escravizados. Quanto à disseminação do *blackface* no teatro brasileiro desde o século XIX e à persistência dessa prática racista disfarçada de homenagem ou comédia nos dias atuais, ver artigo de Juliana Pereira no Portal Geledés. Disponível em: [O que são Blackfaces e por que eles são racistas?](#) Acesso em 10 set. 2023.

É válido ressaltar a trajetória da personagem até a conquista de seu grande sonho, construída de modo a não endossar o mito da democracia racial e da meritocracia. Na verdade, o percurso trilhado pela personagem serve para contestar esses conceitos. No desenrolar da narrativa, Rose Dusreis relata como, apesar, de todas as dificuldades em decorrência da situação de pobreza enfrentada pela família (a mãe ficara viúva e responsável pelo cuidado das cinco filhas) consegue realizar seu grande sonho. Isso porque ao ser levada “por uma congregação de religiosas católicas[...] comprometida com a educação de meninas de famílias abastadas” (Evaristo, 2016b, p. 111), a menina tem a oportunidade de acessar duas formas de arte muito valorizadas em nossa cultura — balé clássico e canto.

Ao ler o conto, a impressão que temos é a de que, a trajetória de Rose Dusreis, sobretudo pela oportunidade de receber uma formação acadêmica alinhada aos seus objetivos, se constitui em uma exceção, visto que, Adiná, a irmã mais velha da personagem — no caso uma criança de apenas onze anos — não conta com a mesma oportunidade, sendo levada para trabalhar como babá. Oportunidade é uma palavra-chave para entendermos que, para além do esforço pessoal, do interesse e talento para a dança demonstrados por Rose desde a infância, a oportunidade de estudar e desenvolver suas potencialidades foi fundamental para a conquista de seu sonho.

Contudo, o processo educacional de Rose não se deu de forma tranquila, pois assim como milhares de crianças negras em nosso país, ela também sentiu na pele a exploração de sua força de trabalho, visto que nessa instituição — uma espécie de internato onde permaneceria dos 9 aos 17 anos —, ela e outras meninas de origem pobre e humilde vivenciariam uma forma de segregação racial, pois, diferentemente das meninas ricas, elas tinham a obrigação de auxiliar nos trabalhos domésticos. Em determinado momento, a personagem descobre que “as irmãs vindas de famílias pobres eram as operárias, as domésticas, as agricultoras, enfim, as trabalhadoras exploradas da instituição...” (Evaristo, 2016b, p. 112-113).

Essa compreensão é importante, pois contesta o mito da democracia racial bem como o discurso da meritocracia, qual seja, a ideia de que basta querer, ser perseverante e se esforçar ao máximo para que as barreiras sejam superadas. Tal discurso, além de

naturalizar as relações de poder entre os diferentes sujeitos, culpabiliza as próprias vítimas pelas condições de pobreza, falta de oportunidades, violência e marginalização em que se encontram. Em um país miscigenado como é o caso do Brasil, contestar o mito da democracia racial tem sido uma estratégia de luta importante, pois denuncia o modo como o discurso oficial vem escamoteando a realidade de opressão e desamparo historicamente vivida pelo povo negro (Carneiro, 2023; Gonzalez, 2020).

Experienciando uma condição ainda mais desfavorável, ao chegar à cidade, a personagem Duzu é criminosamente mantida fora da escola, sendo inicialmente relegada ao trabalho doméstico, o “lugar natural” reservado às meninas e mulheres negras em nosso país (Gonzalez, 2020). Ainda na infância assumem a responsabilidade de auxiliar suas famílias ou mesmo de garantir as mínimas condições para sua própria subsistência. Sem qualquer proteção do Estado, essas meninas são expostas a jornadas exaustivas de trabalho, estando assim, diante de um futuro incerto, pois as possibilidades de escapar dessa marginalização imposta de forma tão precoce são, para muitas dessas meninas, praticamente inexistentes.

Ao passar a viver nesse lugar (uma casa grande com muitos quartos), a personagem Duzu tem como uma de suas funções a limpeza desses quartos, sempre com a recomendação para que batesse à porta e esperasse o “pode entrar”. Porém, em um determinado momento, a menina esquece a tal recomendação e entra no quarto sem bater à porta. A partir daí, o conto ganha contornos dramáticos. Importante destacar, como bem observa a pesquisadora Mirian Cristina dos Santos (2018, p. 139), em relação à situação imposta à personagem Duzu, “o que aparentemente seria um ‘trabalho doméstico’, na verdade é uma espécie de adestramento para a aceitação do destino que viria”, qual seja, sua inserção em um contexto de abuso, prostituição, privação e violência.

Dados do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI) revelam que entre 2016 e 2019 o número de crianças e adolescentes trabalhadoras infantis domésticas de 5 a 17 anos vem diminuindo em nosso país, de aproximadamente 108 mil para cerca de 84 mil. Contudo, apesar dessa queda, os números ainda são bem alarmantes. Do total de crianças e adolescentes envolvidas no trabalho doméstico infantil em 2019, 80% eram meninas. Quanto ao quesito cor, no período de

2016 a 2019, “entre 70% e 75% do total das e dos envolvidos no exercício de trabalho infantil doméstico eram crianças e adolescentes negras” (FNPETI, 2022, p. 13).

Os dados dessa pesquisa revelam ainda como essas meninas e adolescentes são desde muito cedo afetadas pelas desigualdades de gênero, sendo ainda mais exploradas em comparação com crianças e adolescentes do sexo masculino, uma vez que, além de estarem expostas a longas jornadas de trabalho, recebendo um rendimento muito baixo, “90% das trabalhadoras infantis domésticas exerciam cuidados e afazeres domésticos nos domicílios em que residiam” (FNPETI, 2022, p. 34). De modo geral, as análises estatísticas deste estudo nos dão a dimensão de como a tríade raça, classe e gênero molda as experiências dessas crianças, majoritariamente composta por meninas negras, oriundas de famílias com baixa renda, sendo a maior parte desses lares chefiadas por pessoas com pouca ou nenhuma instrução escolar (FNPETI, 2022).

A situação imposta à menina Duzu expressa as inúmeras opressões enfrentadas por muitas meninas e adolescentes negras e pobres em nosso país, visto que, na realidade, “[a]lém das lesões físicas, o trabalho infantil doméstico também expõe crianças e adolescentes ao abuso sexual e às violências físicas e psicológicas” (FNPETI, 2022, p. 4).

A partir dessas considerações podemos afirmar que a estratégia adotada por Evaristo ao ficcionalizar tanto o percurso trilhado por meninas e mulheres negras que, apesar da luta cotidiana, conseguem alcançar seus objetivos e em raras exceções ocupar espaços de poder, quanto o percurso daquelas que, assim como Duzu só podem contar com a negligência, a exploração e a violência, contesta a ideia de democracia racial, muito difundida no Brasil, principalmente por grupos que se encontram em posições de privilégio. Ao colocar em evidência essas diferentes experiências, essas narrativas podem contribuir para a desnaturalização das relações de poder vigentes em nosso país, um cenário onde raça, classe e gênero se entrecruzam, relegando às mulheres e meninas negras à posição de extrema vulnerabilidade social, “[u]ma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo [as] colocam no nível mais alto de opressão” (Gonzalez, 2020, p. 58).

Em uma das passagens de “Duzu- Querença”, a narradora descreve o amadurecimento precoce e o despertar do desejo sexual da menina, o qual se desenrola a partir de sua exposição em um contexto de abuso e exploração sexual infanto-juvenil. Certo dia, ao adentrar um dos quartos sem bater à porta, uma cena intriga a menina: “A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. Duzu ficou confusa: “Por que aquele homem dormia em cima da moça? Saiu devagar, mas antes ficou olhando um pouco os dois. Estava engraçado. Estava bonito. Estava bom de olhar” (Evaristo, 2016a, p. 33). Apesar de a idade exata de Duzu não ser mencionada, o conto não deixa dúvidas de que ela era apenas uma menina quando passou a morar nesse lugar. O excerto acima confirma essa condição, sobretudo pela curiosidade inocente da menina diante do que se passava à sua volta.

Segundo a voz narrativa, o que até então era algo inusitado para Duzu, passa a ser um evento corriqueiro. “Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente...” (Evaristo, 2016a, p. 33). Não demora muito e Duzu é sexualmente abusada. Uma cena dura, incômoda e que nos convoca a contestar e a transformar a realidade de muitas meninas cujas trajetórias são, desde cedo, marcadas pelas opressões interseccionais.

No referido conto, a situação, contudo, ao ser descoberta por Esmeraldina, não é tratada como um estupro de vulnerável⁴, pois a preocupação da cafetina era com a audácia da menina em não repassar “o que lhe era devido”, ou seja, o dinheiro que Duzu vinha ganhando. Vejamos a seguir a dolorosa descrição do momento em que a personagem compreende seu “destino”:

Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar (Evaristo, 2016a, p. 34).

Esse trecho elucida bem o descaso para com a vida de meninas vulnerabilizadas e sexualmente exploradas em nosso país. Para Esmeraldina não se tratava de uma menina

⁴ De acordo com a legislação brasileira “o estupro de vulnerável tipifica qualquer ato de conjunção carnal ou ato libidinoso com vítimas menores de 14 anos ou incapazes de consentir por qualquer motivo, como deficiência ou enfermidade” (FBSP, 2024, p. 162).

desprotegida e exposta à exploração e à violência e sim, de uma prostituta, uma prostituta esperta “usando quarto e cama e ganhando dinheiro sozinha!” (Evaristo, 2016a, p. 34). É válido ressaltar ainda como o exercício da prostituição aparece para Duzu como uma imposição violenta e não como escolha. Assim, a situação vivida pela personagem representa bem a hipocrisia da sociedade brasileira. Essa sociedade que direciona às pessoas como Duzu “uma expressão de asco” por sua condição de miserabilidade e indignidade é a mesma que naturaliza os efeitos perversos do racismo, do sexismo e do classismo na determinação dos lugares sociais reservados às mulheres negras em nosso país.

Após adentrar efetivamente à esfera da prostituição, diante da falta de perspectiva, “Duzu habituou-se à morte como uma forma de vida” (Evaristo, 2016a, p. 34). Ao analisar a dinâmica das relações raciais no Brasil a partir da noção de dispositivo de poder de Michel Foucault, Sueli Carneiro (2023) comenta que “[n]a biopolítica, gênero e raça se articulam produzindo efeitos específicos” (p. 61), inscrevendo “a branquitude no registro da vida e a negritude no signo da morte” (p. 67).

Em outras palavras, ao eleger a brancura como sinônimo de humanidade, o dispositivo de racialidade produz as condições em que determinadas vidas serão protegidas, enquanto outras serão banalizadas, deixadas para morrer tal como se dá com a personagem Duzu, que durante toda a sua trajetória de vida experiencia um brutal processo de desumanização. Entregue à lógica do biopoder que, para atuar eficazmente conta com a indiferença, “a hostilidade e o desprezo socialmente consolidados em relação a um grupo” (Carneiro, 2023, p. 65), Duzu representa o segmento mais explorado, violentado e desvalorizado da sociedade brasileira.

2. “Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos”: escrevendo um modo de r-existir

É importante ressaltar que, a despeito de abordar o permanente processo de marginalização das pessoas negras, o projeto literário de Conceição Evaristo contesta as formas generalizadas de representação do sujeito negro na literatura, isto é, enquanto vítima ou objeto. Em outras palavras, seu fazer literário suplanta uma perspectiva que tem a violência como foco central, isto porque em seu texto-denúncia, a autora busca,

precisamente, colocar em evidência a humanização de suas personagens, o que fica mais perceptível nas formas de resistência por elas empreendidas.

Como podemos ver, no conto “Duzu-Querença”, a resistência marca sua presença desde o título que prenuncia uma forte ligação entre Duzu e sua neta Querença, “ela que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...” (Evaristo, 2016a, p. 34). Enquanto Querença representa a perspectiva coletiva dos movimentos de resistência do tempo presente, para Duzu, o manter-se viva em meio à tanta exploração e violência já se constituiu em si um ato de resistência.

Na representação da morte de Duzu fica evidente a conexão intergeracional na constituição de uma trajetória de luta. No contexto da realidade brasileira, tendo em vista o papel desempenhado pela ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial na formação de nossa identidade nacional, bem sabemos o quão necessário é reafirmar essa conexão. “E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam” (Evaristo, 2016a, p. 36). Logo, percebemos que estamos diante de outro tipo de sagrado. É a escrevivência de Evaristo nos aproximando de outros sentidos e modos de existir, geralmente apagados pela cultura ocidental. “Para os povos Iorubá, Fon, Bantu, assim como para outras nações africanas, a morte em si não é o fim, mas um momento de vivo contentamento, pois é o momento de encontro da pessoa com seus ancestrais” (Bandeira, 2010, p. 34).

Nessa perspectiva, para além de um evento trágico e inevitável, a passagem de Duzu traz à tona um elo entre vivos e não vivos, cabendo às novas gerações o compromisso de honrar a memória daqueles que se foram, buscando reinventar a vida em sua luta constante para romper com o passado de dor e sofrimento que insiste em retornar. Embora não se possa afirmar que Duzu tenha tido uma boa morte, pois nessas culturas isso implicaria não apenas falecer em idade avançada, mas também ter um funeral com honras e celebrações (Bandeira, 2010).

Desafiando a “noção normativa do humano” (Butler, 2023, p. 53) segundo a qual vidas como a da mendiga Duzu e de pessoas negras e pobres em geral sequer contam como perdas, a menina Querença não deixa que a história de sua avó e de seus descendentes caia no esquecimento. É essa história que guiará seus passos em sua busca por emancipação. Nesse sentido, o luto vivido por Querença se converte em recurso para a ação política. Ela que tinha apenas treze anos compreende seu papel na luta, tendo em mente que “[a] saída se dá pelo coletivo, onde o cuidado de si e o cuidado do outro se fundem na busca da emancipação” (Carneiro, 2023, p. 14). É por meio do exercício da prática política que Querença buscará honrar e humanizar a memória de sua avó e de tantos outros/as que haviam partido, como vemos no excerto a seguir:

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíra que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda (Evaristo, 2016a, p. 36-37).

Em “Rose Dusreis” nossa protagonista busca ampliar a formação que recebera na instituição religiosa. Além de professora de balé clássico, ela se torna professora de “dança moderna, de balé afro, de jazz” entre outras modalidades (Evaristo, 2016b, p. 106), ilustrando assim, aquele mínimo de subjetividade ativa da qual fala Maria Lugones, pois, apesar de receber uma educação elitizada, Rose Dusreis não sucumbe ao processo de sujeitificação imposto pela cultura dominante. Segundo Lélia Gonzalez a tentativa de apagar a história e os valores culturais herdados da cultura africana há tempos acompanha os sistemas de ensino no Brasil, visto que

livros didáticos, atitudes dos professores em sala de aula e nos momentos de recreação apontam para um processo de lavagem cerebral de tal ordem que a criança que continua seus estudos e que por acaso chega ao ensino superior já não se reconhece mais como negra (2020, p. 39).

Na análise dos contos selecionados, notamos que a valorização do ensino formal se dá em consonância com o necessário reconhecimento do “legado da população negra para a transformação da realidade dessas pessoas” (Santos, 2018, p. 143). Em “Rose Dusreis”, por exemplo, a bailarina ultrapassa os códigos estabelecidos por uma formação elitista. Além de canto e balé clássico, as danças negras passam a compor seu currículo. Pelo que Rose relata de sua vida, podemos presumir que, assim como ocorre com a

menina Querença, a história familiar, marcada por múltiplas formas de opressão também tem um peso considerável em suas escolhas, pois, com o passar do tempo, mais que a realização de um sonho, a arte da dança passa a ser sua maior fonte de resistência. E, tendo em vista sua formação como professora, essa forma de resistência será compartilhada com muitas/os outra/os.

Segundo Nadir Nóbrega Oliveira (2005, p. 62), a dança é um dos elementos mais importantes da cultura africana. “Através dela, os nossos ancestrais negros expressavam todos os acontecimentos naturais da organização da sua comunidade: agradecer as colheitas, a fecundidade, o nascimento, a saúde, a vida e até a morte”. Logo se vê que a escolha dessa expressão cultural para compor o conto “Rose Dusreis” não se deu de forma aleatória. Em sua dissertação de mestrado, a escritora Conceição Evaristo (1996, p. 95) já afirmava sua importância ressaltando que “o corpo negro tem no gestual da dança uma das formas de relação, de explicitação e interação com o mundo”.

Nessa perspectiva, ao escrever o corpo de Rose Dusreis através da dança, ou melhor, das danças [balé clássico, balé afro, jazz, entre outras] a perspectiva evaristiana não apenas combate os estereótipos raciais que postulam uma falsa ideia de que o corpo negro não é compatível com a prática do balé, como também valoriza a importância dada a esse corpo pela cultura negra, pois é considerado como guardião de uma memória “que se cria, recria e inventa a cada dia” (Evaristo, 1996, p. 107).

A personagem, de aparência frágil devido à anemia que vinha se instalando em seu corpo, encontra na dança a força para continuar vivendo. Em uma das passagens de “Rose Dusreis”, valendo-se da escrevivência — modo de narrar em que realidade e ficção se confundem — poeticamente, Evaristo representa a passagem da bailarina negra em “sua dança final” fazendo referência a uma dança tradicional africana, da região de Kendiá onde ela aprendera “o bailado da existência” (Evaristo, 2016b, p. 115). A dança celebra a vida “que se inaugura e que um dia qualquer se esvai, como dádiva de uma força maior. Força que rege a vida dos homens, dos animais, das plantas, de tudo que existe” (Evaristo, 2016b, p. 115). Assim, tal como ocorre em “Duzu-Querença”, percebemos uma perspectiva não ocidental diante da vida e da morte.

O senso de coletividade, irmandade e continuidade, a interrelação com o outro e com o cosmos assim como o destaque para a cosmopercepção como “uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais” Oyèrónké Oyèwùmí (2021, p. 29) marcam presença em toda a narrativa cujo desfecho traz uma lição primordial, que perpassa todo o projeto literário de Conceição Evaristo: “o que se apresenta como revelação aos nossos olhos, aos nossos ouvidos, guarda insondáveis camadas do não visto e do não dito e eu digo do não escrito. Entretanto, signos de presença subsistem na aparente ausência daqueles que partiram de nós” (Evaristo, 2016b, p. 115-116). Assim, ao contestar o discurso oficial, a literatura evaristiana contribui para a valorização da memória como uma forma de conhecimento de uma experiência coletiva vivida pelos sujeitos negros.

Considerações Finais

A partir da análise dos contos “Duzu-Querença” e “Rose Dusreis”, podemos afirmar que, por se manter atrelada aos movimentos de resistência negra/decolonial, a produção literária evaristiana vem promovendo uma verdadeira revolução no campo literário, implodindo as representações dominantes, trazendo o corpo negro para a cena a partir de uma perspectiva memorialística, ética e plural. Ou seja, pela perspectiva insurgente de mulheres negras e/ou racializadas, o corpo negro é sentido e descrito por meio de um gesto que suplanta a mera posituação da identidade negra, visando reconstituir a humanidade historicamente negada aos sujeitos negros. Assim, é válido ressaltar que “se [a] humanidade plena é negada [aos sujeitos excluídos e subjugados], ela não é, entretanto, apagada [...] Ela é, por força das coisas, uma humanidade sustada, em luta para sair da fixação e da repetição, desejosa de entrar num movimento autônomo de criação” (Mbembe, 2018, p. 94). Neste sentido, tomando por empréstimo a expressão de Edir Pereira (2014, p. 28), “resistência é mais que uma simples reação ao poder: é re-existência”.

Diante disso, sem desconsiderar o caráter ambíguo da literatura, ou seja, o poder que a palavra literária tem tanto para estigmatizar determinados povos e culturas, quanto para contestar e transformar o *status quo*, defendemos que a literatura de autoria feminina e negra se apresenta como um instrumento de luta fundamental, pois ao ressignificar o

modo como pensamos e mobilizamos as diferenças, além de despertar a construção de vínculos solidários e de valorizar a identidade e a cultura negra, vem cumprindo um papel crucial na denúncia e no questionamento dos processos de silenciamento, violência e exclusão social historicamente naturalizados em nosso país.

Referências

- BANDEIRA, Luís Cláudio Cardoso. A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afrobrasileiras. *Último Andar*, São Paulo, n. 19, p. 33-39, 2010. Disponível em: [Vista do A MORTE E O CULTO AOS ANCESTRAIS NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS](#) Acesso em: 10 set. 2023.
- BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Tradução de Andreas Liebe. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, PUC- Rio, Rio de Janeiro, 1996.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016a.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016b.
- FNPETI. *O trabalho Infantil Doméstico no Brasil: análises estatísticas*. Brasília, DF, Brasil, 2022. Disponível em: [O_trabalho_infantil_doméstico_no_Brasil__análises_e_estatísticas.pdf \(fnpeti.org.br\)](#) Acesso em: 20 maio 2024.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- hooks, bell. *Escrever além da raça: teoria e prática*. Tradução de Jess Oliveira. 19ª ed. São Paulo: Elefante, 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução de Stephanie Borges. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: [Rumo a um feminismo descolonial | Revista Estudos Feministas](#) Acesso em: 20 fev. 2022.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. O corpo e a dança negra no cenário artístico Soteropolitano. *Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira*, ano I, n.1, p. 61-63, ago. 2005. Disponível em: [Revista Palmares — Fundação Cultural Palmares](#) Acesso em: 20 jan. 2022.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. *A invenção das mulheres*: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PEREIRA, E. Resistência descolonial: estratégias e táticas territoriais. *Terra Livre*, São Paulo, ano 29, vol. 2, n. 43, p. 17-55, jul./dez., 2014. Disponível em: [v. 2 n. 43 \(2014\): O BRASIL E A CONSTRUÇÃO ENDÓGENA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO | Terra Livre](#) Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTOS, Mirian Cristina. *Intelectuais negras*: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SOUZA, Florentina. Gênero e “raça” na literatura brasileira. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, nº. 32, p. 103-112, jul./dez. 2008. Disponível em: [Gênero e “raça” na literatura brasileira | Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea](#) Acesso em: 20 ago. 2022.